

Butt, Graham. (2006) *O planejamento de aulas bem sucedidas*. Tradução: Adail Sobral y Anselmo Lima. São Paulo, SBS. Capítulo 2.

Fatores-Chave do Planejamento de Aulas

Certos fatores precisam ser levados em consideração no processo de planejamento. Alguns deles podem ser bastante óbvios e simples, mas, apesar disso, precisam ser levados em conta a cada aula. Alguns outros se aplicam apenas às primeiras aulas dadas numa nova turma ou quando você está diante de uma situação de ensino incomum. Quando você planeja ensinar turmas difíceis ou assuntos novos, ou quando introduz uma metodologia de ensino que não foi testada antes, o planejamento poderá ser mais complexo e exigir uma compreensão muito mais profunda de teorias educacionais. Certamente você precisará ter algum conhecimento dos seguintes aspectos:

- as capacidades dos alunos que você irá ensinar;
- aquilo que você acha que os alunos deveriam aprender;
- as maneiras pelas quais os alunos, a seu ver, aprenderão melhor.

É bem útil, se possível, observar cada grupo de alunos antes de ensiná-los. Isso possibilitará que você planeje as primeiras aulas com mais sucesso.

A disponibilidade de tempo para realizar essa observação, entretanto, é um luxo normalmente fora do alcance dos professores. Se isso não for possível, discutir a natureza da turma com o professor anterior do grupo ajudará, embora você deva ser sensível ao fato de que não apenas cada professor ensina de modo diferente como também avalia os pontos fortes e fracos de suas turmas e dos alunos de forma distinta. Tais conhecimentos de "superfície" são muito úteis quando se inicia o planejamento de aulas, mas nada substitui os conhecimentos obtidos por meio do ensino real de uma turma. Portanto, a coleta de informações antes da aula pode

[21]

ajudar só até certo ponto. É também importante dar-se conta de que os fundamentos que estão na base do bom planejamento se relacionam a uma compreensão e um conhecimento mais profundos do modo como turmas e indivíduos aprendem, dos conhecimentos disciplinares adequados à faixa etária e às habilidades dos alunos e da importância que tem a avaliação para a aprendizagem.

Vamos, portanto, examinar uma lista preliminar das questões que você pode precisar levar em consideração quando for planejar aulas:

- Que sequência de ensino os alunos estão seguindo?
- O que foi ensinado e aprendido na(s) aula(s) anterior(es)?

- O que você quer que os alunos aprendam na aula que você está planejando (e em aulas futuras)?
- De que maneira seu plano de aula vai facilitar a aprendizagem?
- De quais recursos você vai precisar?
- Que atividades os alunos vão realizar?

Três outras questões deverão ser consideradas depois que as aulas planejadas forem dadas:

- De que maneira você saberá o que os alunos aprenderam (avaliação)?
- De que modo você saberá o quanto a aula foi eficaz de sua perspectiva como professor e da perspectiva dos alunos como aprendizes (avaliação)?
- O que você terá de fazer em aulas futuras para garantir que a aprendizagem esteja efetivamente acontecendo?

Em essência, essas questões refletem considerações sobre quatro importantes componentes da aula e de seu planejamento:

1. O propósito da aula (objetivos e expectativa de resultados de aprendizagem).

[22]

2. A substância da aula (conhecimento da matéria, compreensão e habilidades).
3. Os métodos da aula (estratégias empregadas para garantir a aprendizagem).
4. A avaliação da aula (da aprendizagem dos alunos e da prática do professor).

Esses componentes têm como base uma gama mais ampla de considerações que podem também ser explicitadas através de questões: De que forma os alunos aprendem? Qual a melhor maneira de adaptar a prática de ensino às diferentes "habilidades" dos alunos? Quais as formas mais adequadas de avaliação na sala de aula? Embora não se possa "responder" diretamente a essas perguntas genéricas nos eventos de aprendizagem específicos de cada aula, é necessário compreender o porquê de sua importância.

Sequências de ensino¹

A primeira questão sobre a qual você pode precisar refletir ao começar a planejar aulas é: Qual a sequência de ensino que os alunos estão seguindo? Antes de mergulhar nas

¹ "Sequências de ensino" traduz aqui "schemes of work", definidos nesta parte do texto. Há alguma semelhança entre estas e as "sequências de ensino" de Dolz e Schneuwly, mas não propriamente uma correspondência. N.T.

especificidades do planejamento de aulas, é importante reconhecer que os planos de aula devem estar "inseridos" em seqüências de ensino mais amplas, previamente estabelecidas para a disciplina. Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) são responsáveis pela indicação de competências e habilidades esperadas para os alunos do Ensino Fundamental e Médio em cada disciplina do currículo nacional. Essas indicações, juntamente com os conhecimentos exigidos em avaliações externas (como o SAEB, SARESP, ENEM, além dos exames vestibulares), funcionam como agentes reguladores das seqüências de ensino que as escolas

[23]

desenvolvem segundo as especificidades de seus Projetos Político-pedagógicos. Cada seqüência de ensino é essencialmente um plano geral, normalmente para um período letivo do ano escolar, que os professores devem seguir para definir conteúdos, métodos e recursos que serão utilizados no planejamento do curso. A partir de cada seqüência de ensino, são propostas unidades didáticas, isto é, conjuntos de aulas que contemplam uma parcela do planejamento do curso para uma determinada série. Essa visão mais ampla de planejamento envolve a participação da direção, coordenação e corpo docente da escola (em alguns contextos escolares, outros elementos da comunidade escolar também participam desse processo). As atribuições destes participantes estão ilustradas abaixo (FIGURA 1).

PANORAMA DA RELAÇÃO ENTRE O CURRÍCULO, AS SEQUÊNCIAS DE ENSINO E OS PLANOS DE AULA (segundo Bennetts, 1996)		
Nível	Atividade	Resultados iniciais
Escola	1. Formular políticas gerais para todo o currículo.	Projeto Político-pedagógico. Diretrizes sobre aspectos específicos. Programação escolar.
Professores responsáveis pela disciplina/área e/ou coordenadores pedagógicos	2. Formular diretrizes para as disciplinas. 3. Projetar seqüências de ensino para cada curso. ² 4. Planejar e preparar unidades didáticas.	Documentos de diretrizes para as disciplinas, Seqüências de ensino e informações para cada curso. Planos para unidades

² Dependendo das diretrizes estabelecidas para a disciplina, pode-se pensar cada série escolar como um "curso", com um ano de duração, ou, ainda, entender cada segmento de ensino (Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio) como um "curso" de maior duração, com características específicas. N.A.

		didáticas
Professores	5. Planejar e preparar aulas.	Planos de aula e materiais didáticos (produção e/ou seleção).
FIGURA 1		

[24]

É importante que as sequências de ensino, assim como as unidades didáticas e as aulas planejadas a partir delas, levem em consideração a aprendizagem que ocorreu antes e a que, em princípio, irá ocorrer. Dessa forma, os professores devem ficar atentos tanto à continuidade quanto à progressão dentro de sua disciplina.

Essencialmente, o termo "continuidade" refere-se à manutenção e ao desenvolvimento de certos aspectos de uma disciplina e às formas como esses aspectos são ensinados ao longo do curso. Assim, a continuidade refere-se:

- aos objetivos da disciplina, mantidos ao longo das etapas e além delas;
- às seções do conteúdo da disciplina, incluindo temas ou conceitos específicos centrais para a matéria;
- aos tipos de ensino e de atividades de aprendizagem;
- à metodologia, envolvendo a realização de tarefas exclusivas aos alunos ou a adoção de abordagens específicas da aprendizagem ao longo de um período;
- às relações de trabalho entre os alunos (se, por exemplo, espera-se que eles trabalhem com um certo colega ou grupo);
- aos procedimentos de avaliação;
- ao registro/definição do perfil de desempenho.

O objetivo do estabelecimento da continuidade é permitir que os alunos avancem com base em suas experiências educacionais prévias em uma disciplina - experiências que continuam ao longo do período de educação formal.

"Progressão" se refere aos avanços mensuráveis dos alunos em seu conhecimento, compreensão e habilidades em uma disciplina durante o processo de aprendizagem. Desse modo, deve haver uma hierarquia ordenada de cada um desses aspectos da aprendizagem dentro do currículo e dentro das

[25]

sequências de ensino que foram projetadas. A velocidade com a qual os alunos progredem, obviamente, varia de acordo com a aptidão individual, com a habilidade e com

a inteligência — conceitos que não são claros e cujos significados são contestados no mundo da educação (por exemplo, "O nível de inteligência de uma pessoa é "fixo" e, portanto, impossível de ser melhorado por meio do processo de educação?"). Embora não haja espaço aqui para um debate minucioso sobre essas questões, é importante perceber que suas crenças pessoais sobre educação e sobre a aprendizagem dos alunos afetam o modo como você planeja sua prática de ensino. A progressão, portanto, caracteriza-se pelo aumento:

- na complexidade dos conceitos a serem compreendidos;
- no nível de habilidades a serem desenvolvidas;
- no nível de abstração a ser aplicado;
- no grau de dificuldade dos problemas a serem resolvidos;
- na autonomia dos aprendizes (por exemplo, uma redução do suporte dado pelo professor).

Em suma, isso implica uma passagem dos alunos do nível de pensamento de "ordem inferior" (principalmente recuperação de conhecimentos e compreensão) para o nível de pensamento de "ordem superior" (principalmente aplicação, síntese e avaliação). Durante essa jornada, os alunos devem ser incentivados a se engajarem na metacognição, isto é, a "pensar sobre" a cognição, para garantir que estão compreendendo e contribuindo para seu próprio progresso. A progressão é normalmente monitorada por meio de diferentes formas de avaliação. Entretanto, é um processo complexo e não linear - os alunos podem "retroceder" em sua aprendizagem assim como podem "avançar", requerendo períodos de revisão e de consolidação. Não há uma definição legal sobre quais conhecimentos, habilidades e competências são minimamente esperados ao final de cada série escolar no

[26]

contexto de ensino brasileiro, o que poderia funcionar como balisamento para a verificação da continuidade e da progressão no processo de aprendizagem de cada componente curricular. Entretanto, as instituições de ensino, apoiadas pelas matrizes de competências estabelecidas nos PCN, podem determinar estas expectativas, adequando-as às características de seus alunos.

É DE CONHECIMENTO GERAL QUE AS SEQUÊNCIAS DE ENSINO-OS CURRÍCULOS OU ESPECIFICAÇÕES A PARTIR DOS QUAIS ELAS SÃO PRODUZIDAS - PRECISAM SER ATUALIZADAS REGULARMENTE DE MODO A GARANTIR A CONTINUIDADE DE SUA RELEVÂNCIA E APLICABILIDADE.

No mundo de hoje, que muda rapidamente, seria tolo supor que as sequências de ensino planejadas para várias disciplinas há dois ou três anos sejam totalmente apropriadas para alunos que estão prestes a entrar na universidade, em cursos profissionalizantes ou no mundo do trabalho. Em algumas disciplinas (como geografia, história e ciências), as sequências de ensino podem precisar de amplas atualizações anuais para dar conta dos acontecimentos contemporâneos.

As sequências de ensino, bem como as unidades didáticas, podem ser produzidas numa variedade de formatos ou em formatos ligeiramente diferentes, tal como ocorre com os planos de aula. Ainda assim, a maioria delas objetiva proporcionar diferentes tipos de informações ao professor e tenta servir como um guia geral para o planejamento de aulas.

Em geral, sequências de ensino e unidades didáticas contêm, portanto, algumas informações sobre:

1. Metas e objetivos - o que a sequência ou unidade está tentando atingir em termos de conhecimento disciplinar, compreensão, habilidades, valores e atitudes a serem aprendidos. Essas metas tanto podem

[27]

ser tomadas diretamente dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como ser parte do próprio Projeto Político-pedagógico da escola. Pode haver nessas sequências ou unidades algum "ajuste fino" para que sejam obtidos objetivos de aprendizagem mais tangíveis, porém esse nível de detalhamento é frequentemente deixado para os planos de aula.

2. Conteúdo - a função primeira de uma sequência de ensino e também de uma unidade didática é apresentar partes do conteúdo de uma disciplina a serem ensinadas e aprendidas. Cada parte deve ser coerente e ter clareza de enfoque. Isso pode envolver a apresentação de uma visão geral muito breve das aulas reais que serão dadas. Costuma-se dar algumas indicações sobre as estratégias de ensino-aprendizagem ou sobre eventos educacionais que podem ter relevância específica para a efetivação de alguns aspectos desse conteúdo (por exemplo, um trabalho de campo ou visita, pesquisas fora da sala de aula, um projeto específico etc.). Às vezes, são dadas indicações do conteúdo precedente e daquele que se seguirá de tal modo que seja estabelecida uma sequência de aprendizagem (continuidade e progressão). Lembre-se de que os "programas de ensino" dos Parâmetros Curriculares Nacionais não passam de um guia sobre as habilidades e competências que os alunos devem alcançar ao final de cada segmento de ensino e não são um indicador detalhado do conteúdo específico dos planos de aula a serem criados; são, antes, uma estrutura dentro da qual se espera que você trabalhe.

3. **Duração** - o número de aulas disponíveis para se desenvolver a sequência ou unidade. Essas estimativas são normalmente pouco precisas, pois a extensão dos períodos letivos e suas divisões variam (o segundo

[28]

semestre tem, em geral, menos dias letivos). O tempo de ensino invariavelmente será "perdido" em eventos gerais que envolvem toda a escola, como provas, festas juninas, viagens de estudo do meio etc. Vale também lembrar que a distribuição de aulas para cada disciplina pode variar de escola para escola, respeitando-se a carga horária mínima estabelecida pelos padrões legais.

4. **Recursos** - recursos-chave disponíveis para desenvolver a sequência de ensino ou unidade didática (ou uma indicação daqueles que terão de ser produzidos). Os recursos não somente dizem respeito àqueles materiais usados no processo de ensino, mas também aos outros profissionais envolvidos na realização do trabalho. Dentre esses estão incluídos os funcionários da biblioteca, os técnicos de laboratórios e os auxiliares de classe/ensino. Frequentemente, diferentes disciplinas têm recursos-chave radicalmente diferentes para o ensino-aprendizagem. Por exemplo, a educação física utiliza recursos muito diferentes daqueles empregados pela matemática.

5. **Avaliação** - essa parte é normalmente negligenciada na fase de planejamento, embora seja essencial para um ensino-aprendizagem eficaz (tanto a avaliação da aprendizagem como a avaliação para a aprendizagem). É muito importante que as sequências de ensino e as unidades didáticas detalhem as oportunidades de avaliação e apresentem suas finalidades (lembre-se da diferença entre avaliação somativa e avaliação formativa, por exemplo). A necessidade de planejamento da avaliação se torna ainda mais relevante quando se pensa na importância da progressão, da qual muitas vezes se obtêm evidências por meio da avaliação.

[29]

6. **Relações interdisciplinares** - muitas disciplinas do currículo de algum modo terão "interfaces" com outras áreas da aprendizagem. Por exemplo, tanto o currículo nacional de geografia quanto o de ciências podem abranger aspectos das desagregações físicas e das formações rochosas numa dada série. A questão da cidadania pode ser trabalhada por meio de uma variedade de áreas do conhecimento, e todas elas precisarão ter alguma compreensão daquilo que as outras estão fazendo. Tais relações interdisciplinares devem ser claramente especificadas nas sequências de ensino que forem projetadas.

Pode também haver, dentro da sequência de ensino, outras informações, principalmente de ordem metodológica. No entanto, por sua própria natureza, as sequências de ensino devem ser documentos concisos, projetados para dar uma visão geral da experiência de aprendizagem de uma parcela do currículo de uma disciplina. Os detalhes mais específicos

do processo de ensino-aprendizagem devem ser deixados para as unidades didáticas e para os planos de aula.

Quando se planejam aulas, por exemplo, podem ser usados tópicos similares aos que foram citados anteriormente, mas agora fazendo referência a episódios específicos de ensino-aprendizagem em vez de a uma quantidade maior de aulas ou a uma parte do plano do curso. Uma sequência de ensino oferece um guia adaptado a um elemento particular de um Programa de Ensino e sugere formas de como esse elemento poderia ser ensinado. A sequência deve, portanto, ser mais pessoal, ter um "ajuste fino" e mais prático do que os documentos originais a partir dos quais ela foi criada, mas não deve conter a quantidade de detalhes necessários para se dar uma aula específica. Um problema de muitos professores principiantes é que eles não foram envolvidos no planejamento original da sequência de ensino, e por isso

[30]

podem parecer menos à vontade com as aulas que têm de planejar.³

Planejamento de aulas

Como professor principiante, normalmente você vai receber algum tipo de orientação quanto ao conteúdo que se espera que você ensine.

Esse conteúdo, e, até certo ponto, os métodos de ensino e de avaliação da aprendizagem que podem acompanhá-lo, terão sido delineados de maneiras variadas. De modo geral, o currículo ensinado dentro das escolas é determinado externamente - por exemplo, todos os alunos devem seguir um dado programa de ensino relacionado com os Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas a interpretação desses documentos curriculares e das diversas especificações, tal como é refletida nas sequências de ensino de cada disciplina, depende do julgamento profissional dos professores específicos destas disciplinas. Algumas escolas interpretam o conteúdo do currículo rigidamente e têm sequências de ensino detalhadas a ser seguidas por todos os professores; outras o interpretam de modo flexível e deixam a tradução do currículo em sua maior parte para o professor, tendo previamente estabelecido diretrizes mais amplas. O propósito do plano de aula é oferecer um guia prático e utilizável para as atividades de ensino-aprendizagem que ocorrerão dentro de uma aula específica.

³ Esse risco pode ser maior em instituições que utilizem sistemas de ensino apostilados, previamente preparados por uma equipe pedagógica externa. Nesse caso, o corpo docente e a coordenação pedagógica da escola devem estar empenhados em adaptar as sequências de ensino, as unidades didáticas e as aulas previstas no material às demandas daquele contexto de ensino em particular. N.A.

As metodologias de ensino utilizadas pelos professores, na verdade, não são normalmente definidas com rigidez nem pelo currículo nem pelas especificações governamentais ou pelas normas da escola. É, portanto, responsabilidade

[31]

EXEMPLO DE UNIDADE DIDÁTICA (segundo Bennetts, 1996)			
CURSO: Geografia	SÉRIE: 7ª	UNIDADE DIDÁTICA: Atividade vulcânica	DURAÇÃO: 6 semanas
OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM		RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES	
1. Conhecer a escala da atividade vulcânica. 2. Reconhecer e descrever tipos de solos vulcânicos – fluxos de lava, cones vulcânicos e crateras. 3. Explicar como tipos específicos de solos estão relacionados a tipos de erupção. 4. Compreender a natureza e o impacto de perigos associados a erupções vulcânicas. 5. Explicar como a distribuição global de vulcões em atividade está relacionada com modelos de placas da crosta terrestre. 6. Fazer uso eficaz de uma variedade de materiais-fonte.		Tecnologia da informação: utilização da TI para obter, selecionar, organizar e apresentar informações. Português: redação para atender a propósitos diferentes – descrição (tipos de solos vulcânicos); relatos (uma erupção, perigos); explicação (causas da atividade vulcânica). Ciências: alguns "ganchos" com o componente das ciências da terra.	
Duração	Conteúdo	Atividades de aprendizagem e estratégias de ensino	Recursos materiais
2 semanas	1. Estudo de três erupções vulcânicas para ilustração de contrastes (por exemplo: ...).	Assistir a um vídeo; examinar fotografias e mapas; ler relatos das erupções. Comparar as erupções; identificar os tipos de materiais emitidos; descrever tipos de solo.	Vídeo (.....) Livro didático (.....) Amostras de rochas

Duração	Conteúdo	Atividades de aprendizagem e estratégias de ensino	Recursos materiais
1 semana	2. Tipos de solos vulcânicos – fluxos de lava, cones vulcânicos e crateras.	Identificar e tomar nota dos fatores que influenciam o formato dos vulcões; desenhar e anotar diagramas.	Apresentar fotografias e reportagens de jornal.
2 semanas	3. Erupções vulcânicas como perigos naturais; as possibilidades e dificuldades de se prever erupções. Por que há pessoas vivendo em áreas vulcânicas?	Utilizar TI para produzir uma reportagem de jornal sobre uma erupção – pequenos grupos.	Software de TI (.....)
1 semana	4. Distribuição global de vulcões em atividade. 5. Explicação de modelos de distribuição.	Examinar mapas mundiais para comparar a distribuição de terremotos, vulcões, placas da crosta terrestre etc. O professor conduz os alunos na direção de explicações simples; os alunos registram as explicações sob orientação.	Mapas Livros didáticos Folhas de tarefas diferenciadas

AVALIAÇÃO	
Aprendizagem	Ensino
Monitoramento rotineiro do trabalho dos alunos, com atenção especial para a reportagem do jornal e para as explicações dos alunos dos tipos de solos vulcânicos e dos modelos globais de distribuição.	Avaliação a ser escrita logo depois do término da unidade e após reunião entre professores envolvidos.

FIGURA 2

profissional de cada professor aplicar os métodos mais adequados a seu estilo de ensino e também tomar conhecimento das formas como seus alunos aprendem. Os alunos, como sabemos, têm estilos de aprendizagem diferentes, o que implica a adoção pelos professores de uma variedade de estratégias de ensino. Uma parte essencial do processo de aprendizagem dos modos como se ensina envolve a experimentação, assim como a avaliação de uma gama de estratégias de ensino e de abordagens do ponto de vista do aprendiz. Em suma, é útil refletir sobre o fato de que aquilo que é ensinado é normalmente definido pelo currículo nacional ou outras especificações, ao passo que o modo como esse conteúdo é ensinado é determinado, em larga medida, pelo julgamento profissional do professor.

Alguns formatos de planejamento

Um plano de aula é um documento de trabalho conciso que delinea o ensino-aprendizagem a ser conduzido em uma aula específica. É um instrumento prático que deve ser usado na aula como auxílio para recordar o que se deve fazer, e pode seguir um formato padrão, em geral determinado pelas escolas. O plano de aula deve "caber" na sequência de ensino mais ampla e ser escrito de tal forma que fique claro para outro professor (ou observador) aquilo que se pretende na aula planejada. Ou seja, deve ser possível que o plano seja executado por outro professor (no caso de uma eventualidade); deve também ser possível que um observador assista à aula e construa um plano semelhante a partir daquilo que acontece durante essa observação. Um plano de aula não é um script a ser lido (embora possa conter anotações sobre o conteúdo a ser desenvolvido na aula) e não deve ser seguido a todo custo se os eventos dentro da sala de aula indicarem que uma mudança de direção para você e seus alunos é aconselhável e justificável do ponto de vista educacional. A transição de uma atividade de aprendizagem para outra

[34]

antes de a primeira ter sido adequadamente concluída apenas porque, segundo a aula que você planejou, após dez minutos deve haver uma mudança de atividade, não é uma boa prática de ensino (embora a excessiva flexibilidade na duração de uma atividade também não o seja!).

Uma variedade de sugestões de formatos de planos de aula é dada a seguir (FIGURA 3). A forma exata do plano de aula que você adota é, em grande parte, uma escolha pessoal. Note, entretanto, que todos os planos de aula contêm elementos similares: metas, objetivos de aprendizagem, atividades de ensino-aprendizagem, duração e avaliação. Muitos incluem detalhes "administrativos" simples como a data, informações sobre a turma/série, número de alunos e até um mapa da sala de aula. É muito importante que esteja claro para você aquilo que os alunos devem saber, compreender e ser capazes de fazer como resultado da execução de seu plano de aula. Levar em consideração as

atividades nas quais os alunos se engajarão para alcançar essa aprendizagem é, obviamente, um elemento-chave do processo de planejamento. Em muitas aulas é possível compartilhar com os alunos os objetivos de aprendizagem, os resultados esperados e os critérios para que o trabalho seja bem sucedido. Dessa forma, os alunos poderão assumir parte da responsabilidade por sua aprendizagem e não contarão inteiramente com você para se saírem bem. Qualquer plano de aula tem algumas "características" que podem ser brevemente explicadas da seguinte maneira:

- **Objetivo** — o propósito geral da(s) aula(s), uma especificação ampla das intenções educacionais (quanto ao assunto específico que será ensinado). O objetivo da aula é normalmente mais geral do que os objetivos de aprendizagem e engloba a "direção" geral da aprendizagem que ocorrerá. Numa unidade didática, o objetivo geral fornece o contexto para as aulas que, por sua vez, são definidas e descritas de acordo com os objetivos específicos.

[35]

EXEMPLOS DE FORMATOS DE PLANOS DE AULA

(c) Plano de aula "C"

Dia/Período _____ Série _____
 Objetivo da aula _____
 (1) Conceitos
 (2) Procedimentos
 (3) Atitudes
 Objetivos de aprendizagem _____
 Unidade didática _____
 Equipamentos e recursos _____
 Métodos/procedimentos (duração) _____
 Atividades do professor _____ Atividades dos alunos _____
 Tarefa para casa _____
 Avaliação _____

EXEMPLOS DE FORMATOS DE PLANOS DE AULA

(d) Plano de aula "D"

Data	Aula	Horário	Turma	Sala
Título da aula				
Objetivos da aula				
Objetivos de aprendizagem e questões de investigação				
Conteúdo: referências aos PCN e a outros conteúdos		"Ganchos" com temas transversais; Relações interdisciplinares		
Recursos		Preparação prévia (sala e equipamentos)		
Diferenciação		Pontos de ação		
Atividades/Tarefas de aprendizagem		Duração	Estratégias/Ações de ensino	
Oportunidades de avaliação, objetivos e critérios				
Avaliação da aprendizagem		Avaliação do ensino		
Pontos de ação				

FIGURA 3 (CONT.)

FIGURA 3 (CONT.)

EXEMPLOS DE FORMATOS DE PLANOS DE AULA

(e) Plano de aula "E"

Data	Horário	Sala	Número de alunos	Turma	Faixa(s) etárias
Assunto/tópico/foco da atividade					
Contexto da atividade de aprendizagem					
Objetivos de aprendizagem para os alunos			Meus próprios objetivos de aprendizagem profissional		
Processos de aprendizagem da atividade	Recursos	Duração	Ações do professor, incluindo conteúdo e gestão		
Avaliação e metas possíveis					

FIGURA 3 (CONT.)

EXEMPLOS DE FORMATOS DE PLANOS DE AULA

(f) Plano de aula "F"

Turma Data Horário Sala Assunto/tópico	Objetivos da aula		Referência aos PCN, se for o caso
	Conhecimento e compreensão (conceitos)	Habilidades e atitudes	
Pontos de ação suscitados			
Recursos, equipamentos e preparação da sala			
Tarefa/atividade de aprendizagem, incluindo recursos usados	Duração	Ação/ações do professor, incluindo o foco no conteúdo	
Avaliação da aprendizagem, incluindo objetivos		Avaliação do ensino, incluindo planejamento, preparação, gestão e comunicação	
Pontos de ação a serem desenvolvidas			

FIGURA 3 (CONT.)

- **Objetivos de aprendizagem** - objetivos específicos ou propósitos a serem atingidos; metas para a aprendizagem dos alunos nesta aula. Os objetivos ajudam a delimitar os conteúdos e, conseqüentemente, formas mais eficientes de trabalhá-los. Em muitas escolas, o professor é incentivado a declarar as metas da aula e/ou os objetivos de aprendizagem aos alunos no início da aula, normalmente os apresentando para a classe em um quadro ou através de transparências. Essa é uma boa ideia porque esclarece o propósito da aula e explica para os alunos aquilo que se espera deles em termos de aprendizagem. **Os objetivos são, portanto, pautados mais naquilo que os alunos deverão aprender, do que naquilo que você, como professor, pretende ensinar.** A diferença é grande.

Esses objetivos podem contemplar a aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes, que devem ser alcançáveis dado o contexto real de ensino. Em salas difíceis, por exemplo, os objetivos de aprendizagem podem estar relacionados mais com a gestão da classe e com a manutenção de padrões aceitáveis de comportamento na sala de aula (conteúdos atitudinais) do que com os conceitos ou procedimentos. Ao expressá-los, utilize frases claras e concisas, que possam ser compreendidas pelos alunos, como "Os alunos conhecerão..."; "Os alunos serão capazes de..."; "Os alunos desenvolverão uma atitude de..."⁴. Também é importante pensar como os resultados desses objetivos poderiam ser mensurados. **Uma avaliação do desempenho dos alunos ou de sua aula permitirá perceber se seus objetivos de aprendizagem foram atingidos.**

[42]

- **Conteúdo** - determinado em parte pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é mediado por diferentes normas em vários níveis, regionais e escolares. O importante quanto a isso é que o modo de desenvolvimento desse conteúdo é uma escolha profissional do professor.

Ter experiência em seu componente curricular é essencial para qualquer professor, mas isso não quer dizer que qualquer professor que possuir tal conhecimento será eficaz ao ajudar os alunos a aprender. Muitos professores têm conhecimento extenso e "profundo" em algumas áreas, mas conhecimento "vago" ou até mesmo superficial em outras - o que normalmente exige que "aprendam" aspectos de conteúdos com os quais tiveram pouco ou nenhum contato⁵. Isso obviamente tem

⁴ A aprendizagem de conceitos das diferentes áreas do conhecimento, vazios de sentido e aplicabilidade, tem pouco valor em face das demandas da sociedade contemporânea. Daí a preocupação com a formação de indivíduos que aprendam não só conceitos (SABER), mas também, procedimentos (SABER FAZER) e atitudes (SABER SER). N.A.

⁵ O autor, aqui, parece chamar de "conteúdo" apenas aqueles conhecimentos conceituais que compõem uma determinada disciplina. É preciso, também, que o professor tenha a capacidade de envolver procedimentos e

um efeito sobre o planejamento de aulas. Não é simples transformar o conhecimento, embora recém-adquirido, em atividades adequadas para estudantes jovens. Apesar disso, esse processo é o segredo do planejamento eficaz.

Professores que não se sentem confiantes quanto aos aspectos de seu conhecimento às vezes fazem anotações em seus planos de aula como um apoio, caso apareçam dificuldades. Isso é aceitável, mas dá lugar à tentação de ler diretamente do registro escrito – um

[43]

ato que raramente transmite confiança aos alunos. Do mesmo modo, professores que tentam escrever um roteiro daquilo que irão dizer numa aula parecem invariavelmente rígidos, inflexíveis e apáticos.

- **Atividades de aprendizagem** - uma sequência de "passos para a aprendizagem" na aula, do começo ao fim. As definições de atividades de aprendi/agem implicam a escolha das formas, a seu ver, mais produtivas para a aprendizagem dos alunos, projetadas para atingir os objetivos de aprendizagem previamente estabelecidos.

As atividades de aprendizagem podem tanto se "centrar no aluno" como "no professor", mas devem ser desenvolvidas primordialmente para engajar e motivar os alunos, além de proporcionar desafios e estabelecer um dado ritmo. Pode-se empregar uma variedade de estratégias de apoio relacionadas a essas atividades: para introduzir a aula, "fisgar" os alunos, incentivar uma sólida atmosfera de trabalho, concluir atividades e resolver problemas. As atividades devem ser diferenciadas de acordo com o nível dos alunos do grupo (Ver O'Brien e Guiney, 2001). É preciso lembrar que para cada atividade de aprendizagem o professor precisará introduzir a tarefa, certificar-se de que todos os alunos a compreendem e dão conta daquilo que têm de fazer, explicar os recursos a serem utilizados e apresentar o vocabulário novo. Ao final da atividade/aula, deve haver uma revisão daquilo que foi aprendido, uma oportunidade de estabelecimento de uma meta e um esclarecimento ou anúncio das próximas aulas e da aprendizagem futura.

Muitas atividades de aprendizagem envolvem a apresentação de perguntas pelo professor e a apresentação de respostas orais ou escritas pelos alunos. A arte de fazer boas perguntas está além dos objetivos

atitudes nas atividades que planeja para conseguir alcançar os objetivos de aprendizagem almejados. Procedimentos podem ser descritos como habilidades a serem desenvolvidas (descrever, classificar, comparar e contrastar, listar, compreender, decidir, distinguir etc.). Da mesma forma que os conceitos, os procedimentos vão sendo apresentados, "exercitados", revisados e ampliados, garantindo os critérios de progressão e continuidade ao longo do processo. No caso das atitudes, garantir a progressão e a continuidade significa reforçar diariamente aquilo que se espera dos alunos, uma vez que os resultados dependem de reflexão pessoal e, muitas vezes, de alterações na conduta e na forma de pensar, mudanças que raramente ocorrem em um curto espaço de tempo. N.A.

[44]

deste livro, mas é importante pensar a respeito dos tipos de perguntas que você deve fazer para promover a aprendizagem dos alunos. Isso é relevante na fase de planejamento pois, como alguns professores anexam a seus planos de aula anotações sobre o conteúdo, outros podem querer também ter anotações de "perguntas-chave" que desejam fazer. Os professores às vezes percebem que sessões orais de "perguntas e respostas" não funcionam tão bem quanto esperavam, porque talvez sejam conduzidas pelas respostas dos alunos a lugares que não tinham previsto ou porque não fizeram as perguntas "certas". Planejar perguntas-chave antecipadamente ajudará a manter a aprendizagem no caminho certo.

- Saúde e segurança - para certo número de disciplinas, pensar na saúde e na segurança é um componente-chave do planejamento de aulas. Certas aulas contêm alguns elementos de risco que obviamente devem ser minimizados. As disciplinas mais comumente associadas a riscos potenciais são ciências e educação física; no entanto, pode haver riscos em certos momentos do desenvolvimento de outras matérias. Por exemplo, em português, durante as aulas que incorporam práticas como as de teatro; em geografia e história, durante trabalhos de campo - na verdade, em qualquer disciplina que desenvolva experiências fora da sala de aula. Para disciplinas em que o elemento de risco é frequente, há diretrizes gerais estabelecidas pelo governo federal, podendo ainda haver normas das Secretarias de Educação, da própria escola e mesmo dos professores responsáveis pela disciplina.
- Recursos - podem ser tanto gerais (como os materiais previamente preparados e mantidos à disposição de todos os membros da escola), físicos (folhas de

[45]

tarefa, livros didáticos, equipamentos audiovisuais, computadores etc. estão incluídos nesta categoria) como pessoais. Recursos pessoais são aqueles que você cria para ensinar uma turma específica, com a devida consideração às necessidades particulares. Se você pretende utilizar recursos gerais, certifique-se sempre de que eles estejam disponíveis para você no momento e no local em que precisar deles. Pode ser necessário reservar equipamentos com algum tempo de antecedência, portanto, tome ciência dos procedimentos que você precisa seguir dentro de sua escola e siga-os à risca.

- Duração - todos os planos de aula devem detalhar claramente o momento em que as diferentes atividades devem ocorrer na aula. Chegar a uma previsão bastante precisa do tempo de duração de diferentes atividades e, como resultado, sentir-se seguro com relação aos momentos em que ocorrerão mudanças de atividades ou o encerramento da aula é algo muito importante. Embora não seja necessário seguir estritamente os limites de duração previamente estabelecidos para a atividade, você deve estar ciente de que permitir que as atividades se alonguem demais terá um grande impacto sobre a atenção dos alunos e sua capacidade de aprendizagem.

Quando esse "alongamento" ocorre perto do final da aula, pode ocorrer uma conclusão muito apressada e, como resultado, uma perda do controle. Você deve levar em consideração que o ensino não é uma atividade totalmente previsível e que oportunidades de aprendizagem podem surgir inesperadamente em uma aula. É claro que não se pode esperar que você tenha pensado de antemão em todas as eventualidades. Você pode optar por aproveitar a oportunidade, desviar-se de seu plano de aula e fazer algo diferente. Isso é bastante

[46]

aceitável, contanto que os resultados beneficiem a aprendizagem dos alunos. Um desvio totalmente espontâneo, de alto risco e inusitado, que faça você se distanciar de seu plano de aula cuidadosamente pensado e que o leve a um beco sem saída é uma situação problemática a ser evitada!

Vale a pena considerar brevemente a quantidade de tempo estabelecida por sua escola para o ensino de sua disciplina a diferentes grupos, pois isso tem um impacto direto sobre aquilo que pode ser planejado, ensinado e aprendido. A carga horária destinada a cada disciplina do currículo e a duração de cada aula são, em parte, decididas pelas escolas, respeitando o mínimo estabelecido pela legislação. Assim, por exemplo, um professor de história de uma escola pode perceber que tem duas aulas de cinquenta minutos por semana para ensinar sua matéria em cada turma, ao passo que um professor de uma escola vizinha pode receber três aulas de quarenta e cinco minutos por semana para ensinar o mesmo conteúdo. Isso, obviamente, tem um efeito sobre o conteúdo a ser abordado dentro do tempo disponível, particularmente se esse tempo estiver distribuído em duas aulas isoladas ao longo da semana em vez de ser concentrado em aulas "duplas", por exemplo.

Em algumas escolas, há uma tendência recente de reduzir o número de aulas a serem dadas no período letivo e concentrar a carga horária da disciplina em sessões mais longas⁶. Alguns professores acreditam que isso não é totalmente bom para todos os alunos.

[47]

Deve-se admitir que disciplinas "práticas", como educação física, ciências e tecnologia são muito beneficiadas com uma duração maior das sessões – como de fato é o caso com muitas outras matérias em que se deseja empregar a realização de projetos e simulações. Entretanto, em muitas áreas do currículo, esses períodos

⁶ No estado de São Paulo, algumas escolas da rede pública adotam o sistema de "ensino modular". Nesse sistema, a carga horária total de cada disciplina para uma determinada série é concentrada em um certo período de tempo. Em termos práticos, os alunos têm todas as aulas do dia de uma única disciplina, semana após semana, até que a carga horária total prevista para o ano letivo se esgote. Então, iniciam o mesmo processo com outra disciplina. N.A.

longos de tempo podem, na realidade, ser antieducacionais. Há indícios de que aulas mais curtas podem levar a um ensino-aprendizagem mais focado e com propósito mais bem definido, ao passo que aulas mais longas podem ser tipificadas por episódios de aprendizagem menos focados, mais monótonos e menos dinâmicos. Durante aulas mais longas, certos alunos simplesmente julgam maçante o ato de aprender.

- Avaliação — levar em conta a avaliação da aprendizagem dos alunos é parte integrante do planejamento eficaz de aulas. A avaliação pode ser tanto formal (por meio de um trabalho, de exercícios, de atividades, de perguntas e respostas orais e de provas) quanto informal (monitoramento geral do progresso dos alunos, atmosfera de trabalho na aula, discussão com os alunos). A avaliação deve ajudá-lo a determinar se os objetivos de aprendizagem planejados foram alcançados.
- Avaliação da aula - uma reflexão crítica tanto de sua prática de ensino como da aprendizagem de seus alunos.

[48]